



UFC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LUIZ GUSTAVO SILVA CRISPIM DE LIMA

**O ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL E A SEXUALIDADE NA PERCEPÇÃO DOS
FUTUROS DOCENTES DE CIÊNCIAS**

FORTALEZA

2020

LUIZ GUSTAVO SILVA CRISPIM DE LIMA

O ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL E A SEXUALIDADE NA PERCEPÇÃO DOS
FUTUROS DOCENTES DE CIÊNCIAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Ciências Biológicas do Centro de Ciências da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de licenciado em
Ciências Biológicas.

Orientador: Prof^ª. Dra. Erika Freitas Mota

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L698e Lima, Luiz Gustavo Silva Crispim de.
O ensino de educação sexual e a sexualidade na percepção dos futuros docentes de ciências / Luiz Gustavo Silva Crispim de Lima. – 2020.
39 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2020.
Orientação: Profa. Dra. Erika Freitas Mota.
1. Ensino de ciências. 2. Formação docente. 3. Ensino fundamental. I. Título.

CDD 570

LUIZ GUSTAVO SILVA CRISPIM DE LIMA

O ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL E A SEXUALIDADE NA PERCEPÇÃO DOS
FUTUROS DOCENTES DE CIÊNCIAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Ciências Biológicas do Centro de Ciências da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de licenciado em
Ciências Biológicas.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Erika Freitas Mota (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Raquel Crosara Maia Leite
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Me. Raquel Sales Miranda
Escola Municipal João Mendes de Andrade/Prefeitura Municipal de Fortaleza

Aos meus pais, minha tia/madrinha e meus amigos pelo apoio durante todo meu trajeto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, que sempre batalhou muito para me dar uma boa educação e uma vida digna apesar das dificuldades, ao meu pai que, embora não more comigo, sempre se fez presente na minha vida e me ajudando na medida do possível. Agradeço também à minha tia e madrinha Lucilia, por todas as conversas e conselhos que me deu e que me ajudaram a amadurecer como ser humano.

À minha orientadora, por ter me guiado e me ajudado a escrever meu trabalho.

Ao programa Residência Pedagógica, que ajudou a me tornar um profissional melhor, e também por ter me dado a oportunidade de conhecer pessoas incríveis, Marinete, Rogevan, Izabel, Robert, Tamila e os outros colegas que participaram junto comigo da primeira RP-Bio. Em especial, tive o prazer de conhecer e trabalhar junto com duas pessoas maravilhosas, a Ana Beatriz e a Teresa Helena, obrigado pelos momentos de risadas, de apoio, as conversas, pelos momentos de convívio nas escolas, dentro do busão indo pro Benfica, e as caronas para casa.

À minha grande companheira de curso, Thamyres, que está comigo desde o primeiro semestre, fazendo trabalhos juntos, almoçando juntos, ajudando um ao outro.

Às minhas amigas, Gilmara e Kamilla, que tenho em meu coração desde o colégio, obrigado pelo apoio, pelos momentos que tivemos e por estarem comigo mesmo estando longe um dos outros.

À minha amiga Nayane, por todos os momentos que tivemos, pelo apoio, pelas conversas, saídas.

À minha amiga Luana, pelo apoio em todos os momentos, pelas conversas, por todos os momentos que tivemos, pelas risadas.

Agradeço a mim mesmo, por não ter desistido, mesmo em todos os momentos ruins e adversos pelos quais eu passei. Por ter sempre força de vontade, pensamento positivo, ser centrado nos meus objetivos e, em todos os momentos ter passado horas e horas escutando minha grande ídola, Taylor Swift.

E agradeço a todos que fizeram parte da minha vida até o momento, mesmo que tenha sido passageiro ou tenham feito coisas ruins, pois me ajudaram a ser uma pessoa melhor, obrigado!

“A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, indefinidamente”. (LOURO, 2008, p.18)

RESUMO

Tendo em vista as intensas discussões no cenário educacional e político sobre o ensino de educação sexual nas escolas, a opinião dos educadores sobre o assunto faz-se relevante. Em consequência disto, constata-se a necessidade de conhecer melhor se os alunos de graduação, futuros professores de Ciências, estão sendo preparados para educar e lidar sobre o tema sexualidade e afins dentro das salas de aula. Nesse contexto, realizou-se uma pesquisa qualitativa sobre o ensino e os desafios da educação sexual e sexualidade nas escolas e nas universidades com o objetivo de conhecer a percepção dos graduandos, que estão na reta final do curso de Ciências Biológicas/Licenciatura-UFC e que já passaram por estágios e programas de bolsas, sobre as questões citadas. Para coleta dos dados, elaborou-se um questionário online do Google Forms, com perguntas objetivas e descritivas que foram posteriormente analisadas para interpretação dos dados e dos discursos dos sujeitos da pesquisa. Diante dos resultados, verifica-se que os estudantes não possuem suporte suficiente durante o curso para se aprofundar no tema de educação sexual. Mesmo já tendo passado pelos estágios, os estudantes ainda percebem que há desafios para ensinar temas ditos polêmicos como a educação sexual, mas afirmam que a educação sexual é necessária em todo o Ensino Fundamental II (6º ao 9º), o que impõe a constatação de que se precisa aproximar o estudo da educação sexual do estudante de Biologia, para que este possa se sentir mais seguro quando nas salas de aula das escolas.

Palavras-chave: Ensino de Ciências. Formação docente. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

In view of the intense discussions in the educational and political scenario about the teaching of sex education in schools, the opinion of educators on the subject is relevant. Because of this, there is a need to know better if undergraduate students, future science teachers are being prepared to educate and deal with the topic of sexuality and the like within the classrooms. In this context, a qualitative research was carried out on teaching and the challenges of sexuality and sexuality education in schools and universities in order to get to know the perceptions of undergraduate students who are in the final stretch of the Biological Sciences course and who have already participated in internship and scholarship programs on the issues mentioned. For data collection, we used an online questionnaire of Google Forms, with objective and descriptive questions that were later analyzed to interpret the data and the speeches of the research subjects. In view of the results, it appears that students do not have sufficient support during the course to delve into the topic of sexual education. Having already gone through the internships, students still realize that there are challenges to teach so-called controversial topics such as sex education, but they affirm that sex education is necessary throughout Middle School (6th to 9th), which imposes the observation that it is necessary to bring the study of sexual education closer to the student of Biology, so that he can feel more secure when in school classrooms.

Keywords: Science teaching. Teacher training. Middle School.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Questão: você já teve oportunidades de estudar e debater o assunto ES em alguma disciplina durante a graduação? Se sim, em qual disciplina?.....	28
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ES	Educação Sexual
IPEC	Instrumentalização para o Ensino de Ciências
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
RP	Residência Pedagógica
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	OBJETIVOS.....	17
2.1	Objetivo Geral.....	17
2.2	Objetivos Específicos.....	17
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
3.1	Conceito de sexualidade e gênero.....	18
3.2	PCN e BNCC: os caminhos da ES nas escolas brasileiras.....	19
3.3	Educação sexual e o papel da escola e dos futuros docentes.....	21
4	METODOLOGIA.....	23
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
5.1	Perfil sócio-acadêmico.....	25
5.2	Conceito de Sexualidade.....	26
5.3	Ensino e abordagem da educação sexual na Universidade e na Escola.....	28
5.3.1	Caracterização da ES na Universidade pelos sujeitos da pesquisa.....	28
5.3.2	Caracterização da ES na Escola pelos sujeitos da pesquisa.....	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema envolvendo educação sexual deu-se pela minha experiência quando atuei dentro das salas de aula, através do programa Residência Pedagógica. Através deste, fui capaz de lecionar e adquirir experiência em turmas de Ensino Fundamental II e Médio, e assim que começamos a planejar e desenvolver os projetos, foi discutida a possibilidade de levar o debate de sexualidade e afins para as escolas.

Em um primeiro momento, eu tinha uma percepção sobre o ensino e aprendizagem de sexualidade e educação sexual, na qual eu iria trabalhar apenas o aspecto biológico e reprodutivo. No entanto, fazendo levantamentos e pesquisas sobre o tema, descobri que para discutir e ensinar sobre educação sexual eu teria que desconstruir o pensamento limitado que tinha. Desse modo entendi que a sexualidade também é, de forma bem ampla, uma expressão cultural do ser humano (BRASIL, 1998).

A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente e infindavelmente (LOURO, 2008). Eles são desenvolvidos através da interação do indivíduo humano com a sociedade e é essencial para o bem estar de cada um e para suas relações interpessoais, principalmente para o público infanto-juvenil.

No quadro internacional, no XV Congresso Mundial de Sexologia, realizado em 1997 em Hong Kong/China, foi aprovada uma declaração em defesa de uma educação cidadã que incluía propostas de educação sexual emancipatória (MELO *et al.*, 2011). Essa declaração lista com propriedade os direitos básicos de liberdade e diversidade, saúde e educação sexual do ser humano, a necessidade de tornar esses assuntos mais conhecidos e respeitados e a importância dos educadores nesse processo emancipatório.

Logo, o tema Educação Sexual e outros assuntos ligados a ele devem estar presentes na sala de aula e ser discutido com naturalidade entre alunos e professores, pois está diretamente envolvido com o desenvolvimento psíquico e as mudanças corporais na fase da adolescência. Segundo Aquino e Martelli (2012), os jovens carregam consigo as vivências do contexto social no qual estão inseridos, inclusive as vivências sexuais, e a escola não deverá omitir-se diante dessas questões.

Nessa perspectiva, o ensino de educação sexual nas redes de ensino deve ser priorizado. Barbosa e Folmer (2019) reforçam que a educação sexual é necessária para a formação da sexualidade das crianças e jovens pois fortalece a capacidade de fazer escolhas

seguras e o respeito para com o próximo. “A abordagem do tema no âmbito escolar se torna imprescindível, visto que este é um lugar aberto para discussões e reflexões, em que se manifestam curiosidades, [...] e inquietações.” (FIGUEIREDO; BARROS, 2014, p. 5349).

Nesse caso, os professores têm um papel fundamental no diálogo com os alunos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) afirmam que “o educador deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento.” (BRASIL, 1998, p. 84). Para isso, deve estabelecer uma relação de confiança entre aluno e professor.

O ensino de educação sexual, ou orientação sexual, que é previsto nos PCN, é designado por este como um tema transversal e interdisciplinar, ou seja, não cabe somente ao professor de Ciências/Biologia tratar do assunto. Para Quirino e Rocha (2012), a educação sexual não pode permanecer como assunto restrito das ciências biológicas, somente valorizando os aspectos físicos, em um discurso essencialista.

Desse modo, é necessária a participação de professores de todas as áreas de conhecimento, visto que a sexualidade pode ser abordada em vários aspectos: sociais, afetivos, culturais, fisiológicos, os que envolvem mitos e tabus, e não somente com o intuito reprodutivo (FIGUEIREDO; BARROS, 2014).

No entanto, indo na direção oposta às orientações do PCN, foi criada e promulgada em 2017, pelo Ministério da Educação (MEC), uma nova diretriz educacional, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tem como objetivo ser a principal fonte norteadora dos currículos da Educação Básica pelos próximos anos e, diferentemente dos PCN, possui caráter obrigatório a ser seguido pelas redes de ensino.

A BNCC é definida como “um conjunto [...] de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p.7). Como documento sucessor dos PCN, a BNCC deveria trazer avanços no ensino de educação sexual nas instituições de ensino. Todavia, segundo Souza Junior (2018), houve um retrocesso sobre o assunto, visto que o novo documento silenciou qualquer correlação com o tema e suprimiu as questões de gênero e sexualidade.

Fato esse também comprovado por Silva, Brancaleoni e Oliveira (2019), que verificaram que “a BNCC se apresenta refratária à diversidade sexual e de gênero na escola,

de modo que suas preconizações exibem retrocessos na discussão de tal temática quando comparadas àquelas presentes nos PCN.”

Além de suprimir as questões envolvendo sexualidade e gênero, a nova diretriz educacional limita a sexualidade unicamente na dimensão biológica, [...] aproximando-se de concepções médico-higienistas sobre a temática (SILVA; BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2019).

Considerando os desafios e retrocessos do ensino de educação sexual a partir da promulgação da BNCC (SOUZA JUNIOR, 2018), e desconstruindo minhas próprias ideias, questionei se isso era algo inerente a mim, enquanto aluno de graduação e futuro professor, ou se meu colegas de curso já no final da graduação saberiam como abordar e debater sobre o tema dentro das salas de aula, e se estavam atentos aos desafios de incluir a educação sexual no ensino regular.

Visto isso, surgem as perguntas norteadoras sobre este trabalho: qual a percepção dos estudantes de Biologia, que já concluíram os estágios ou que já foram bolsistas, e que estão na reta final da graduação sobre o tema educação sexual na universidade e na escola? Será que se sentem preparados enquanto futuros professores para abordar o assunto nas salas de aula, de uma forma aberta e sem tabus?

Vale salientar que o ensino de educação sexual deve se tornar um instrumento de ensino emancipatório, tanto para os professores, que devem ter a liberdade de tratar o assunto com objetividade e clareza, quanto para os alunos, visto que estes estão passando por uma fase de construção da identidade pessoal, e necessitam de todo apoio para se entenderem e se afirmarem como seres sexuados (MELO *et al.*, 2011).

Destarte, as escolas devem reafirmar seu compromisso com uma educação inclusiva e aberta, dando apoio aos educadores diante de um cenário político-nacional adverso às ideias de ensino da educação sexual.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Conhecer a percepção de alunos na reta final do curso de Ciências Biológicas sobre o ensino de educação sexual e sexualidade.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar o posicionamento dos estudantes de Ciências Biológicas quanto à relação do ensino de educação sexual na graduação e nas escolas.
- Analisar o discurso dos estudantes no que diz respeito aos temas secundários relacionados à educação sexual, como sexualidade.
- Discutir a educação sexual e sua importância no contexto escolar, na vida dos alunos da educação básica e dos futuros professores.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para um entendimento mais amplo sobre o ensino e a abordagem da educação sexual e seus desafios, faz-se necessária uma divisão do presente referencial em três tópicos. O primeiro esclarece o conceito de sexualidade e sua relação intrínseca com os seres sociais. A segunda parte diz respeito sobre os caminhos traçados para criar um ambiente favorável ao ensino de educação sexual a partir das políticas públicas educacionais brasileiras e, por fim, o terceiro capítulo aborda a importância de se ter o ensino de educação sexual nas escolas de uma forma aberta e sem limitações e a boa formação de professores preparados para colocar o assunto em sala.

3.1 Conceito de sexualidade e gênero

Perceber-se como ser sexuado e reconhecer que estamos em um processo contínuo de educação sexual, deveria ser inerente a todas as pessoas, pois a sexualidade é um aspecto indissociável do fato de sermos humanos (MELO *et al.*,2011). A sexualidade está presente nas diferentes etapas da vida humana e no cotidiano de todas as pessoas, sendo um processo produzido por acontecimentos históricos, culturais e até intangíveis, como a linguagem e os comportamentos sociais (FOUCAULT, 1998)

Para Louro (2008), a sexualidade, juntamente com o gênero, se estrutura através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, e é empreendida de modo explícito por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2010, tradução nossa):

A sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo de sua vida e compreende sexo, gênero, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Ela é vivida e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, funções e relações. [...] A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológico, social, econômico, político, étnico, legal, histórico, religioso e espiritual.

Por conseguinte, a sexualidade é um fenômeno que se forma juntamente com o desenvolvimento humano e de sua personalidade. Louro (2008) concorda com a assertiva que ela se constrói ao longo de toda a vida.

Desde os tempos gregos, o ser humano era visto e definido como um ser sexual, não guiado pelas nomeações impostas, como heterossexuais e homossexuais, termos esses que surgiram somente no final do século XIX, mas guiado pela busca do prazer sexual, não

importando se fosse com uma mulher ou outro homem. A própria palavra “sexualidade” também surgiu no final do mesmo século.

Enquanto a sexualidade possui um enfoque amplo sobre a dimensão humana, o sexo compreende termos mais biológicos. Jesus (2012, p.24) classifica o sexo como “um termo para definir as pessoas como sendo machos ou fêmeas, baseadas em características orgânicas como cromossomos ou níveis hormonais.”

Ademais, o sexo tem sido visto como sinônimo de genitais masculinos e femininos, como também da relação sexual em si, que mais uma vez, leva a caracterizações biológicas (MELO *et al.*, 2011).

Além da conversa sobre sexo e sexualidade, surgiram, nas décadas pós Segunda Guerra, movimentos sociais de inclusão e visibilidade dos “excluídos” (mulheres, negros e LGBTs) e com eles foram trazidos novos conceitos, debates e descobertas, tais como a identidade de gênero, a transgeneridade e o feminismo.

A identidade de gênero, conforme Jesus (2012, p.24), “é o gênero (classificação pessoal) com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído no seu nascimento, sendo diferente da sexualidade da mesma.”

Visto isso, e sabendo que a sexualidade e o sexo são partes essenciais da natureza humana e não são apenas relacionados a conceitos biológicos/reprodutivos, o debate sobre suas dimensões e conceitos precisa ser expandido, principalmente entre os jovens.

Nesse contexto, as escolas têm papel fundamental de proporcionar espaço para se tratar de tais assuntos. Para Felipe (2007), as instituições escolares possuem papel de destaque no que se refere à produção e reprodução das expectativas em torno de discussões como sexualidade, identidade sexual e gênero.

3.2 PCN e BNCC: os caminhos da ES nas escolas brasileiras

No Brasil, o histórico do debate sobre educação sexual nas escolas se inicia nos anos 20 e 30 do século XX, puxado principalmente por educadores e médicos que queriam elevar o conhecimento das mulheres e melhorar sua saúde (FIGUEIRÓ, 1998). Todavia, mesmo com essas iniciativas de aprimorar as oportunidades educacionais para as meninas, ainda não havia preocupação em igualar os papéis sexuais e sociais de homens e mulheres (FIGUEIRÓ, 1998).

Mas foi nos anos 80 e 90, com o crescimento dos casos de síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), principalmente entre o grupo de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT+), e casos de gravidez na adolescência crescendo rapidamente, que o Ministério da Educação promulgou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no qual, em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) n.9.394/96, trouxe como um dos temas transversais a Orientação Sexual.

Com relação ao termo que foi empregado nos PCN, há discordância sobre o mais correto, orientação ou educação sexual. Para Figueiró (1996), o termo educação sexual é o mais adequado uma vez que, diferentemente do termo orientação, implica que o educando seja considerado sujeito ativo no processo de aprendizagem e não receptor de conhecimentos e informações.

O intuito do trabalho sobre o tema transversal Orientação Sexual nos currículos escolares do Ensino Fundamental II era o “de aprimorar o entendimento sobre o assunto, problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos do aluno e que este pudesse escolher seu caminho.” (BRASIL, 1998, p. 83).

Os PCN vigoraram por 20 anos, desde sua promulgação em 1996 até meados de 2016, trazendo iniciativas para a inclusão da educação sexual nas escolas. Durante este período, em 2010, foi encaminhado um projeto de lei intitulado Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020, que previa a criação de redes de conscientização dos alunos nas escolas a respeito do preconceito e discriminação à orientação e identidade de gênero (SOUZA JUNIOR, 2018). No entanto, o projeto de lei acabou não seguindo em frente por influência da chamada “bancada evangélica” do Congresso Nacional.

No final de 2017, após muitos debates entre políticos e educadores, foi lançada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com a finalidade de orientar as instituições escolares nas suas propostas curriculares. Todavia na BNCC, que inicialmente traria uma suporte para se debater sobre educação sexual e diversidade de gênero, há mais limitações do que potencialidade quando se pensa em sexualidade e gênero, dado que se reservou a discussão sobre o tema apenas no oitavo ano (MONTEIRO; RIBEIRO, 2020) na disciplina de Ciências. Além disso, apesar de, existirem temas transversais na BNCC, que são chamados de Temas Contemporâneos Transversais, apresentados em volume à parte (BRASIL, 2019), a educação sexual neste foi igualmente excluída.

Pode-se considerar isso um retrocesso, visto que a ES era vista como um tema transversal no PCN. O mesmo ocorreu com o atual Plano Nacional da Educação 2014-2024, que não faz menção às palavras gênero e “orientação” sexual (GROFF; MAHEIRIE; MENDES, 2016).

Com isso, o incentivo para uma educação sexual na escola ficou desamparado pelos documentos que regem a educação nacional. O ensino de sexualidade ficou limitado à visão biológica/reprodutiva, o que prejudica a emancipação e ampliação do conhecimento dos alunos sobre suas próprias sexualidades e seus corpos. Figueiró (2009) defende a educação sexual nas escolas e a não limitação desta, pois ela faz parte de um processo de intervenção pedagógica que não deve ser direcionado por um único entendimento, seja ele biológico, religioso ou subjetivo.

Souza Junior (2018) reforça que, com a limitação e o impedimento do ensino de educação sexual e da identidade de gênero, fica visível a possibilidade de violência de gênero e a discriminação sexual, no âmbito escolar, que podem se manifestar por meio de ameaças, agressões físicas, assédio sexual e/ou moral e abusos sexuais e estupros.

Desse modo, a BNCC não fez avançar o ensino sobre educação sexual e diversidades nas escolas, e dentro desse contexto de retrocessos, os alunos são os mais prejudicados. Contudo, os professores podem e devem ter papel ativo na garantia que a educação sexual traga informações que levam a reflexões e questionamentos sobre a sexualidade e o conhecimento sobre o corpo e a mente (MAIA, RIBEIRO, 2011).

3.3 Educação sexual e o papel da escola e dos futuros docentes

A sexualidade possui conceitos amplos e históricos, e é a partir dela que surge a denominação de educação sexual. Segundo Maia e Ribeiro (2011), a sexualidade humana tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada um de nós de modo particular e coletivo. Desse modo, as atitudes e valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade que acompanham cada indivíduo desde o nascimento constituem os elementos básicos do processo que se denomina educação sexual (MAIA, RIBEIRO, 2011).

O ensino de educação sexual deve ser mais amplo do que ensinar apenas conteúdos biológicos e reprodutivos, como traz a BNCC. Conforme Figueiró (2006, p.7):

Educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade; - educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever

preconceitos; - para educar sexualmente é preciso saber ouvir; - o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo ensino aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas; - o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos.

Por terem elementos psicológicos, biológicos, sociais e culturais, a sexualidade e a diversidade devem ser desenvolvidas e abordadas nas mais diferentes disciplinas escolares. Desse modo, os alunos poderiam ter visões amplas sobre os conceitos que regem a sociedade, e ter a noção de que esta possui inigualável diversidade e que essas diferenças devem ser respeitadas.

Maia e Ribeiro (2011) validam esses pensamentos, explanando que a educação sexual deveria dar ênfase ao aspecto social e cultural trabalhando os indivíduos em suas particularidades sem perder de vista o coletivo, não tendo um caráter de aconselhamento individual ou psicoterapêutico isolado do contexto histórico e social.

Nesse contexto sobre aspectos sociais e culturais, as escolas possuem um papel fundamental, pois é justamente no espaço escolar que os alunos adquirem experiências e vivências de como conviver em sociedade e aprender a respeitar a diversidade desta. Para Moizés e Bueno (2010), é responsabilidade da escola promover a educação integral das crianças e adolescentes, e isso inclui, entre outros assuntos, discutir a sexualidade a fim de promover a educação sexual.

O professor é uma parte essencial nesse processo e o seu papel se reflete no de produzir dissensos em suas práticas, por meio do seu comprometimento com os direitos humanos, com as lutas dos movimentos feministas e LGBT+ (GROFF; MAHEIRIE; MENDES, 2016). Faz-se necessário o comprometimento dos professores com uma educação que respeite a pluralidade e os preceitos da democracia.

Por conseguinte, é na formação de professores que esse comprometimento se inicia. Moizés e Bueno (2010) afirmam que o docente deve ser um profissional preparado e informado sobre a sexualidade humana e todo seu contexto, e com isso ser capaz de criar contextos pedagógicos e estratégias de reflexão, tornando-se mediador do conhecimento.

4 METODOLOGIA

Inicialmente, foi realizado um estudo bibliográfico sobre as abordagens do tema educação sexual na sala de aula, e trabalhos sobre percepções de alunos de universidade e professores sobre o assunto, assim como uma análise da Base Nacional Comum Curricular para entender como o tema é tratado no documento.

A natureza do presente trabalho é considerada como qualitativa, que tem como objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social (NEVES, 1996). Na pesquisa qualitativa, o cientista preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32).

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário online feito na plataforma Google Forms. Barbosa (2008) diz que o questionário é um dos instrumentos mais utilizados para obter informações, sendo uma ferramenta que garante o anonimato e pode conter questões para atender a finalidades específicas de uma pesquisa.

O questionário foi aplicado tendo como público alvo alunos que estivessem na reta final da graduação, e que já tivessem feito os estágios obrigatórios, ou que já tivessem sido bolsistas em programas relacionados à licenciatura, como PIBID e RP. A escolha do sujeito, alunos nos semestres mais avançados do curso, foi feita em razão desses estudantes já terem concluído as disciplinas de estágios obrigatórios, e por esse motivo, terem passado pelas etapas de estágios e teoricamente uma orientação para atuar na escola, experiência dentro de sala de aula e conhecimento adquirido ao longo do curso. Além disso, esses alunos provavelmente poderiam ter participado como bolsistas em programas institucionais.

A ferramenta de pesquisa continha 15 perguntas, sendo a maioria objetivas, nas quais solicitava respostas sim/não, e as outras discursivas, nas quais solicitou-se que os respondentes escrevessem brevemente sobre suas opiniões. Esse formato de perguntas objetivas/discursivas pôde possibilitar a conciliação de questões práticas com noções de análise de discursos dos sujeitos da pesquisa.

Na primeira parte do questionário, havia questões sócio-acadêmicas, as quais seriam para caracterizar os sujeitos da pesquisa. Na segunda parte, os inquiridos foram solicitados a responder uma questão discursiva, na qual se pedia o conceito de sexualidade, a partir do entendimento e da experiência deles.

Na última parte, havia um misto de perguntas objetivas e discursivas, nas quais questionou-se os respondentes sobre o ensino de educação sexual na universidade, dentro do curso de Ciências Biológicas, e também sobre o ensino daquela dentro das escolas de educação básica, equiparando com suas experiências nas mesmas.

Para a análise do questionário, após o mesmo ter sido respondido pelo público alvo, foi utilizado o método de análise de conteúdo e unidades de significado. Esta é uma ferramenta utilizada em pesquisas qualitativas visam a compreensão e interpretação dos relatos e significados que o ator social emite no discurso, e que através dessa análise pode-se chegar a indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005; SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2005; CAMPOS; TURATO, 2009).

A investigação de análise de conteúdo e significados foi empregada principalmente nas seções 2 e parte da 3 do questionário, que continham perguntas de natureza descritiva. Para a parte 1, foram obtidos indicadores a partir das respostas, para que dessa forma fossem feitas as caracterizações dos sujeitos da pesquisa.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino de educação sexual no Brasil vem sofrendo retrocessos. Principalmente após o ano de 2014, no qual iniciou-se uma série de discussões em que houve uma equivocada preocupação com o ensino sobre as temáticas de gênero e sexualidade nas escolas (GROFF; MAHEIRIE; MENDES, 2016). Na promulgação da BNCC, também houve retrocesso, pois o tema transversal “orientação sexual” foi retirado e a educação sexual ficou limitada a conceitos biológicos.

Diante disso, convém ressaltar a natureza deste trabalho que é conhecer a percepção dos alunos que estão no final da graduação de Ciências Biológicas-UFC e verificar o entendimento dos inquiridos sobre o ensino de educação sexual e sexualidade.

Os dados discutidos nessa seção foram obtidos através de um questionário online feito através do Google Forms que apesar de ter seus benefícios como o alcance e facilidade para esse período de distanciamento social imposto pela pandemia do coronavírus, também apresenta algumas limitações. Conforme declara Barbosa (2008, p.4), são colocados como pontos fracos do questionário, “a baixa taxa de adesão de respostas, difícil pontuar questões abertas, pode ter itens ambíguos/polarizados, dificuldade de esclarecer as respostas e pode dar margem a respostas influenciadas ou pré-definidas”. Estas afirmações vão ao encontro do presente trabalho, que teve pouca participação, contando com um total de 10 respondentes. No entanto, vale salientar que em 2020.1, havia no momento de realização dessa pesquisa 18 estudantes matriculados na atividade de trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (informações disponibilizadas pela Coordenação do Curso).

5.1 Perfil sócio-acadêmico

Responderam ao questionário dez estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFC. Nessa primeira parte, eles responderam perguntas relacionadas ao nome, idade, gênero, o semestre atual que estavam e uma pergunta de múltipla escolha sobre já ter sido bolsista de algum programa da universidade.

A respeito dos perfis sócio-demográficos dos sujeitos da pesquisa, estes tinham faixa etária variando entre 22 e 29 anos, sendo a maioria do sexo feminino (6 no total) e o restante do sexo masculino (4). Cabe ressaltar que não houve identificação com o não-binarismo por parte dos respondentes. Todos estavam em semestres avançados, sendo que dois estudantes

estavam no 7º e seis estavam no 8º, um estava no 10º e um afirmou estar no fluxo contínuo da graduação.

Dos 10 estudantes, a maioria (7 no total) havia sido bolsista do Programa de Residência Pedagógica, quatro afirmaram que já foram bolsistas do PIBID, e 2 declararam que já foram bolsistas de outros programas não relacionados à licenciatura. Todos afirmaram que já haviam feito os quatro estágios obrigatórios do curso.

5.2 Conceito de Sexualidade

Quando questionados sobre o conceito de sexualidade, a análise da escrita dos sujeitos demonstrou que a maioria caracterizou a sexualidade como algo relacionada ao comportamento e ações humanas, fazendo uma ligação com o desejo sexual e o psicológico de cada um, assim expresso nos discursos abaixo em que se manteve a transcrição literal das respostas:

“Sexualidade abrange não somente falar sobre sexo, mas também falar sobre o seu corpo, sobre o respeito para com o outro. Além de falar, de cuidados, sobre gravidez, doenças e etc. Também relaciona as questões de gêneros, que são impostas desde a infância” (ESTUDANTE 1).

“Sexualidade é o conjunto de características e comportamentos que dizem respeito a realização do desejo sexual” (ESTUDANTE 2).

“Comportamentos e ações internas e externas com influência do meio e fatores genéticos que expressam diferentes orientações e gostos pessoais em atividades ligadas ao sexo e todas as suas representações” (ESTUDANTE 3).

“Um conjunto de comportamentos que podem levar ao desejo sexual, não sei bem nunca pensei muito sobre uma definição” (ESTUDANTE 4).

“Acho que sexualidade é como eu me vejo, por quem sinto atração, algo mais psicológico” (ESTUDANTE 5).

“Acho complicado colocar em palavras o que é sexualidade, pois envolve basicamente tudo de uma pessoa, desde do modo em como ela se vê até o modo em como ver o outro” (ESTUDANTE 6).

“orientação na qual uma pessoa tende durante a escolha de um parceiro sexual” (ESTUDANTE 7).

“É o conjunto de manifestações biológicas (fenotipicamente características) atrelado às atitudes do indivíduo em relação ao seu eu e ao próximo” (ESTUDANTE 8).

“É algo pessoal” (ESTUDANTE 9).

“Conjunto de expressões humanas relacionadas à identidade de gênero, sexo e orientação sexual” (ESTUDANTE 10).

Percebe-se que para o estudante 1, a sexualidade envolve não somente o sexo, mas a associa com o corpo humano e suas alterações biológicas (gravidez por exemplo), além de

relacioná-la com o respeito entre pessoas e a diversidade e individualidade de cada um. Os estudantes 5 e 6 trazem a sexualidade para o campo da autoimagem e do sentir atração por alguém. Nesse contexto, há concordância com Figueiró (2006) que descreve a sexualidade como algo que inclui o sexo, a afetividade, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. A autora também diz que a sexualidade inclui os valores e as normas morais que cada cultura e sociedade elabora sobre o comportamento sexual.

Os estudantes 2, 3 e 4 conceituaram a sexualidade como sendo um conjunto de comportamento e ações que teriam como finalidade o desejo sexual e o ato sexual. Esses discursos nos levam para uma perspectiva puramente biológica, na qual sexo e sexualidade se confundem. Souza Junior (2018) confronta esses discursos dos estudantes ao afirmar que a sexualidade não é oriunda somente do processo biológico, mas pode ser observada em outros contextos como: o subjetivo (questões emocionais e cognitivas); o familiar (valores morais e religiosos); e o econômico (diferenças culturais e momentos históricos).

Vale ressaltar aqui também a semelhança dos discursos dos estudantes citados anteriormente, com a repetição de algumas unidades de significados, o que corrobora Barbosa (2008), quando o autor cita os pontos negativos da ferramenta de pesquisa em uso, no caso o questionário. O autor diz que as respostas em um questionário podem ser influenciadas ou pré-definidas, o que, nesse caso, pode ser verdade devido ao fato de existirem respostas similares quando se faz averiguação do conceito de sexualidade em sites de pesquisa, como o Google.

O estudante 8 associou a sexualidade com manifestações biológicas, como o fenótipo de uma pessoa, e ao comportamento. Percebe-se aqui mais uma vez a sexualidade sendo relacionada com visões biológicas, o que para Maia e Ribeiro (2011) não é completamente incorreto, pois para os autores a sexualidade humana tem componentes biológicos, assim como psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e em modo coletivo, em padrões sociais, que são aprendidos durante a socialização.

Para o estudante 10, a sexualidade é uma expressão humana e está associada com a forma na qual uma pessoa se identifica, assim como pelo seu gosto e desejo por alguém. O estudante 9, por sua vez, classificou-a como algo pessoal. Nesse caso, a análise fica limitada, pois a própria resposta do inquirido é limitante para poder ser estudada. Entretanto, fazendo

um correlato com a fala de Maia e Ribeiro (2011), na qual os autores declaram que a sexualidade faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa, pode-se apreender do discurso do estudante que a sexualidade é vista como algo pertencente a ele, o que desse ponto de vista não está incorreto.

5.3 Ensino e abordagem da educação sexual na Universidade e na Escola

Na terceira parte, as respostas dos questionários foram divididas em duas. Na primeira, estão aquelas relacionadas com o ensino de ES na universidade, e na segunda aquelas que relacionam o ensino de ES nas escolas.

5.3.1 Caracterização da ES na Universidade pelos sujeitos da pesquisa

Quando questionados sobre terem tido oportunidades de estudar e debater o tema educação sexual em alguma disciplina durante a graduação, tem-se a distribuição abaixo:

TABELA 1 - Questão: você já teve oportunidades de estudar e debater o assunto (ES) em alguma disciplina durante a graduação? Se sim, em qual disciplina?

Resposta em comum	Total
não	5
debate na disciplina de Psicologia da Adolescência	2
sim	2

Fonte: elaborada pelo autor.

Diante das respostas, percebe-se que pode haver uma deficiência dentro do curso de Ciências Biológicas quando o assunto é estudar a educação sexual e todos os assuntos que a envolvem. Dois dos dez estudantes afirmaram que tiveram debates sobre sexualidade na disciplina de Psicologia da Adolescência, o que de certa forma não é equivocado estudar o tema dentro dessa disciplina, visto que para se compreender o modo de pensar e agir de um adolescente, é preciso sim estudar sua sexualidade, pois nessa fase os jovens estão construindo sua sexualidade e seu gênero através de inúmeras aprendizagens, e essa construção se dá nas mais distintas situações (LOURO, 2008). No entanto, a discussão sobre educação sexual não pode se restringir a somente uma disciplina, é preciso que esteja claramente definido na matriz curricular dos cursos de licenciatura e que seja promovido ambiente de discussão de temas relacionados à educação sexual, tais como seminários, grupos

de estudo, dentre outros. Os estudantes devem também procurar em seu percurso formativo participar desses grupos de estudos, seminários temáticos e simpósios na área.

Para cinco respondentes, estes não tiveram oportunidades de estudar sobre o assunto durante a maior parte da graduação. Vale lembrar que os sujeitos de pesquisa estão na reta final do curso de Ciências Biológicas/Licenciatura, e já tiveram experiências na escola, através de bolsas (PIBID/RP) ou dos estágios supervisionados.

Dois dos dez estudantes disseram que já estudaram ou debateram o tema educação sexual, mas não especificaram em qual disciplina e 1 estudante não respondeu à questão.

Em outra questão em que estava escrito “Você ensinou ou fez algum projeto sobre educação sexual durante o estágio na escola ou em outra atividade (bolsas PIBID, RP)? Se sim, comente um pouco sobre sua experiência.”, alguns estudantes afirmaram que ensinaram apenas o que estava no livro didático, outros afirmaram que não, e outros disseram ter realizado algum tipo de projeto na escola sobre educação sexual, como pode ser visto nos textos copiados dos discursos dos estudantes que participaram da pesquisa e descritos abaixo:

“Não” (ESTUDANTE 1).

“Não, porém houve uma tentativa, mas precisávamos conhecer mais sobre o tema para abordarmos corretamente em sala” (ESTUDANTE 2).

“Sim, ensinei apenas o que estava nos livros adotados pelo colégio” (ESTUDANTE 3).

“Sim. Nas aulas do sexto ano foram abordados os temas de sistema reprodutor feminino e masculino” (ESTUDANTE 4).

“Sim, no PIBID foi muito interessante e teve ótimos resultados. Os alunos tinham muitas dúvidas consideradas básicas. Além, de abrir debate sobre assuntos bem importantes” (ESTUDANTE 5).

“Não” (ESTUDANTE 6).

“Não, somente uma discussão de como agir” (ESTUDANTE 7).

“Sim. Foi realizada uma sabatina anônima acerca da sexualidade. Alunos do Ensino Médio enviaram perguntas sobre a sexualidade por papel, perguntas essas que talvez não triam coragem de perguntar na frente de colegas da turma” (ESTUDANTE 8).

“Não. (ESTUDANTE 9).

“Não” (ESTUDANTE 10).

Verifica-se que nos discursos dos estudantes 3 e 4, ambos afirmaram que se valeram apenas do livro didático (de Ciências) para abordar o assunto em sala de aula. É interessante lembrar que os livros didáticos seguem padrões determinados, são constantemente avaliados e corrigidos por órgãos governamentais como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

(LUDOVICO; MAISTRO, 2017) e que muitos deles se limitam a conteúdos biológicos. Já outros podem dimensões sobre sexualidade, e o professor de Ciências precisa estar atento ao tipo de abordagem em cada livro didático.

Segundo Ludovico e Maistro (2017), “o livro didático é uma ferramenta muito utilizada em sala de aula e um material auxiliar na docência, que não deve ser o único meio no processo de organização e desenvolvimento do trabalho pedagógico”, principalmente levando-se em conta o ensino de educação sexual, que para Reis, Duarte e Sá-Silva (2019) não trazem problematizações sobre alguns temas que são importantes na formação cidadã dos alunos como as ideias culturais de gênero e sexualidade.

O estudante 5 afirmou que teve oportunidades de ensinar sobre educação sexual quando foi bolsista do PIBID, dizendo que houve debates com os alunos sobre o assunto e que teve ótimos resultados. Esse discurso é conciliável com as afirmações de Figueiró (2006), quando a autora declara que o debate aberto é uma importante estratégia para ser usada em educação sexual [...] e que possibilita aos alunos entrarem em contato com diferentes posicionamentos para, a partir daí, formar suas próprias opiniões e se preparar para tomar decisões próprias.

O estudante 8, em seu discurso, declarou que foi utilizado o método de caixa de perguntas. Essa ferramenta pode ser uma boa alternativa, uma vez que os alunos podem colocar suas dúvidas dentro da caixa sem sentir o constrangimento de perguntar em voz alta diante de toda a sala.

Os outros estudantes afirmaram que não tiveram nenhuma experiência com projetos ou debates sobre educação sexual durante os estágios escolas ou quando foram bolsistas. Além disso, o estudante 2 declarou que houve uma tentativa, mas que teve que procurar saber sobre o assunto para levá-lo para dentro da sala de aula. Esse discurso é consoante com o fato de que os alunos da graduação podem não ter suporte e conteúdo apropriado dentro do curso de Ciências Biológicas para entender com propriedade do assunto.

Para a questão “Você se sentiu preparado(a) para debater o assunto na escola?”, cinco dos respondentes responderam “não”, 4 responderam “sim” e 1 afirmou que:

“No início, não. Porque não tivemos disciplinas ao longo da graduação, mas aos poucos com os textos que o coordenador disponibilizou me sentir mais preparada”.

Diante dos discursos expostos sobre a caracterização da ES na universidade, ficou evidente que a formação de futuros docentes carece de apoio e conteúdo diversificado quando se trata de estudar e ensinar sobre educação sexual, que é um assunto relevante e atual. Isso pode ser confirmado com as palavras de Brancaloni, Oliveira e Silva (2018), quando os autores confirmam que “é relevante se pensar na questão da educação sexual no Ensino Superior de uma forma mais ampla, possibilitando que a universidade e também os profissionais de saúde e educação possam ser reconhecidos como meios de obtenção de informação e promotores de reflexão acerca de questões relacionadas à sexualidade e ao gênero.”

Outro dado que o estudo trouxe, quando na pergunta “Você sente a necessidade do curso de Ciências Biológicas-UFC ter uma disciplina (obrigatória ou opcional) de educação sexual, na qual seriam estudados assuntos sobre educação, sexualidade e sua história, saúde e diversidade por exemplo?”, é que todos os inquiridos responderam “sim”, que sentem a necessidade de uma disciplina específica para estudar o tema Educação Sexual. Afinal, a ES foi um tema transversal nos PCN assim como, por exemplo, a Educação Ambiental, sendo esta última já pertencente ao currículo do curso de Ciências Biológicas.

É interessante lembrar que existe uma disciplina de Educação Sexual na UFC e que a mesma pode ser cursada como disciplina livre, contudo esta não é voltada para os estudantes das Ciências Biológicas, e sim para outros cursos do Centro de Ciências como Matemática e Física e para alunos de graduação pertencentes ao Centro de Humanidades da universidade. Os estudantes podem fazer seu percurso formativo, mas precisam de orientação mínima até para que despertem que, como professores, precisarão abordar a temática de ES em sala de aula e precisarão estar preparados e superar os desafios.

Figueiró (2006) aponta que a educação sexual vem sendo reconhecida, pela maioria dos professores, como necessária e importante no processo formativo dos alunos [...] mas todo o processo formativo dos professores, tanto no magistério, quanto nas licenciaturas, não os tem preparado para abordar a questão da sexualidade no espaço da escola

Essa falta de apoio no que se refere à ES para os futuros docentes de Ciências/Biologia e provavelmente em outros cursos e outras instituições, pode se refletir diretamente na qualidade do ensino nas escolas de educação básica, pois a educação sexual é tão importante quanto os conteúdos biológicos.

5.3.2 Caracterização da ES na Escola pelos sujeitos da pesquisa

É na universidade que são formados os profissionais do futuro, e os estudos e pesquisas no ambiente acadêmico possuem impacto direto na educação básica, visto que muitos dos graduandos irão entrar no mercado de trabalho após sua formação.

Sobre os desafios que os futuros docentes podem enfrentar na escola, os estudantes responderam à questão “Você acredita que o ambiente escolar (público ou privado) é hostil ao ensino de educação sexual e todos os assuntos que esta traz?”, sete dos dez responderam que “sim”, 3 responderam da seguinte forma:

Depende da forma como ele é abordado e se existem projetos ligados ao tema na escola.

Isso varia de escola para escola, pois algumas escolas pedem para que seja tratado o menos possível.

Dependendo da missão e valores da escola (se há origem religiosa), tal abertura para debates pode não existir ou ser menor em relação às demais.

Percebe-se que há um entendimento entre os futuros professores de que o ensino de educação sexual enfrenta hostilidades no cenário educacional. Esse pensamento fica mais claro quando Souza Junior (2018) afirma que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em sua versão final, deixou de fazer menção à promoção do debate sobre identidade de gênero e sexualidades, o que se caracteriza como um retrocesso. O autor afirma ainda que sem a presente discussão fica visível a possibilidade de violência de gênero e a discriminação sexual no âmbito escolar.

Sobre a BNCC, perguntou-se aos estudantes “Na atual Base Nacional Comum Curricular, a abordagem de assuntos como reprodução e saúde ficaram reservados para o 8º ano (MOURA; LEITE, 2019). Além disso, a educação/orientação sexual não é mais um tema transversal. Para você, a educação sexual deveria ser ensinada em todo o Ensino Fundamental II (6º ao 9º) ?”. Os inquiridos responderam de forma positiva, com 8 deles dizendo que “sim”. 2 responderam como visto abaixo:

é algo mais com mais núncia que sim ou não.

Poderia ser incluída nos dois últimos anos, no máximo.

A resposta positiva da maioria é suportada pela visão de Reis, Duarte e Sá-Silva (2019), quando os autores dizem que direcionar conteúdos específicos para cada série é

importante e necessário, entretanto a educação sexual e a sexualidade são assuntos que deveriam por vezes apresenta-se nas discussões de todos os anos da segunda etapa do Ensino Fundamental (6º ao 9º).

Em uma das respostas, o estudante respondeu que a ES poderia ser incluída apenas nos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, o que poderia ser relacionado com determinados conteúdos que poderiam ser abordados.

Sobre esse assunto de conteúdos abordados, foram perguntados “Além de reprodução e saúde/higiene, quais outros tópicos de educação sexual que você pensaria em levar para as salas de aula?”, os estudantes responderam da seguinte forma:

Discutir questões de gêneros, principalmente nas séries iniciais do fundamental II, Pois é neste momento que os alunos estão passando por mudanças. Então seria essencial a reflexão deles.

Questões de gênero, aborto, estupro, etc.

Assédio, métodos contraceptivos, saúde mental.

Violência sexual, machismo e gravidez precoce. Pontos que ajudem sobre a prevenção desses tópicos citados.

Sexualidade e cultura, movimentos culturais.

Educação sexual perna muitos assuntos, caso fosse possível ter a liberdade de tratar o tema com os alunos acredito que temas relacionados ao machismo e feminismo cairiam bem na educação sexual, pois na minha concepção educação sexual permear essas temáticas.

bem estar psicológico.

Métodos contraceptivos e aula de defesa a tentativas de estupro/violência à mulher.

Métodos contraceptivos.

Identidade de gênero.

Constata-se a permanência de alguns pensamentos atrelados ao conceito de que a educação sexual serve apenas ensinar sobre matérias biológicas e afins, como métodos contraceptivos e aborto, o que para Maia e Ribeiro é uma visão limitada. Para os autores:

“a educação sexual na escola deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa; e instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero.” (MAIA E RIBEIRO,2011, p.77)

Outros estudantes demonstraram interesse em discutir identidade gênero, temas relacionados à saúde mental e bem estar, além de trazer para a sala de aula assuntos polêmicos e atuais como violência sexual e machismo. É interessante notar que os futuros professores têm sim vontade de trazer esses debates para dentro da escola, vistos que estes são diretamente ligados às questões sociais e psicológicas, e não somente biológicas. Todavia a maioria dos futuros docentes, em uma questão anterior, afirmou que o ambiente escolar é considerado hostil para receber esse conteúdo, o que poderia vir na forma de não aceitação por parte das autoridades escolares ou mesmo dos pais dos alunos.

Mas a escola é sim o ambiente apropriado para se levantar e discutir questões de gênero, sexualidades e diversidades, como mostra Moizés e Bueno (2010). Os autores declaram que a escola é o espaço privilegiado para que crianças e adolescentes possam fazer seus questionamentos, e em debates sobre sexualidade os jovens muitas vezes fazem perguntas que os pais e mesmo os professores não se atrevem a fazer.

Sobre as dificuldades no ambiente escolar, os futuros professores foram questionados a respeito quando na questão “A educação sexual está sendo atacada e diminuída por movimentos conservadores, da escala nacional até a municipal. Como você, enquanto futuro(a) professor(a), iria reagir e tentar contornar uma situação caso a escola (pública) ou os pais dos alunos não quisessem aulas sobre educação sexual nas salas de aula?”. As respostas podem ser vistas abaixo:

É necessário explicar a importância do tema para os pais. Convocaria eles, falaria sobre. Mostraria como isso causa impacto diretamente na realidade dos adolescentes e como isso auxiliaria eles para o futuro. (ESTUDANTE 1)

Não há como prever uma reação, mas provavelmente, temendo perder meu emprego, acataria as diretrizes da escola. (ESTUDANTE 2)

Lendo a BNCC (ESTUDANTE 3)

Tentar negociar com a gestão da escola (ESTUDANTE 4)

Acho que o diálogo entre a escola e a família é essencial para que seja compreendido que o professor procurar instrumentalizar os alunos para a vida, coisa que muitas vezes a própria família não faz. Os assuntos relacionados a educação sexual, procuram educar os alunos para se tornarem pessoas conscientes e informados. (ESTUDANTE 5)

Eu acho que se deve ter respeito pelas diferentes opiniões. Acredito que nos enquanto futuros professores devemos estar cientes que quando pisamos em sala de aula não somos neutro como as pessoas querem que sejamos ou até mesmo como alguns professores querem ser. Temos os nossos ideais e eles são carregados em nossas falas todos os dias e querendo ou não passamos isso para os alunos. Esse é o peso de pisar em uma sala de aula e olhar os alunos que estão ali é estão em sua responsabilidade. É uma pergunta bem difícil de responder, pois no meu idealismo eu queria dizer que continuaria a ministrar como se nada estivesse acontecendo e passando para os alunos o que acho necessário é principalmente, tentaria despertar

neles uma visão crítica, a prática do respeito e tantas outras coisas importante. No entanto, só sabe quem passa por uma situação dessas, é difícil se manter firme e forte quando a instituição não te apoia, pois mesmo que os pais achem ruim, se a escola te apoia e entende a importância você ainda consegue ter peito para encarar de frente, mas quando você não tem o apoio nem da escola como que você consegue encarar isso? Eu não sei, o tema em si já é difícil pois sempre é tratado por meio de brincadeira pelos alunos, o que acredito ser até uma forma de mostrar que não estão totalmente confortáveis e mesmo quando você parte para o ensino médio, os alunos tendem a achar que é tentar ensinar eles a fazer sexo, aí você dois tipo de reações bem visíveis: Um não preciso, pois já sei tudo ou desconforto grande com tema. No fim o que posso dizer é que não saberia dizer o que eu faria a te passar por essa situação. (ESTUDANTE 6)

tentar uma reunião com os pais para tentar explicar a importância da educação sexual (ESTUDANTE 7)

Tentaria equilibrar a minha resistência à negação desses. O tema poderia ser tocado de forma simultânea às aulas que rondam os temas de Embriologia e Reprodução Humana.(ESTUDANTE 8)

Simplemente continuarei abordando a temática (ESTUDANTE 9)

Percebe-se que na maioria dos discursos, os futuros professores tentariam através do diálogo com a escola e os pais para informá-los sobre a importância do ensino de educação sexual, apesar de estarem sem o apoio das políticas públicas educacionais, que cada vez mais avançam em direção ao retrocesso.

Nessa perspectiva desse cenário, ainda é válido demonstrar que, como graduandos de licenciatura que se tornarão professores, é dever do professor se manifestar e dialogar para fazer das crianças e dos jovens cidadãos, que possam conviver em sociedade e respeitar a diversidade desta. Na sala de aula, Figueiró (2006) diz que cabe aos professores criar oportunidades de reflexão, para que os alunos pensem e discutam com os colegas, a fim de que formem sua própria opinião sobre sexo pré-matrimonial, masturbação, homossexualidade e aborto, entre outros.

Com isso, verificou-se que os graduandos de Ciências Biológicas e futuros docentes, percebem que o ensino de educação sexual na universidade ainda é pouco explorado e estudado, principalmente tendo em vista que aqueles serão professores de Ciências/Biologia e vão lidar com questões de sexualidade e diversidade dentro da sala de aula nas escolas.

Brancaleoni, Oliveira e Silva (2018) diz que “a universidade é um espaço de interação, circulação e construção de valores em que os universitários, em sua maioria, encontram-se em uma fase de descobertas e experiências sexuais, assim como de questionamentos acerca da sexualidade e do gênero.” Ao passar por essas experiências, os estudantes vão construindo suas sexualidades, e dessa forma podem se sentir mais seguros sobre si.

No geral, os futuros docente percebem que a educação sexual é importante como conteúdo a ser ensinado nas escolas, mas sabem que precisam ter material e apoio para aprofundar o conhecimento sobre o assunto na própria graduação. No mais, houve limitações da metodologia proposta pelas próprias condições enfrentadas nesse momento da pandemia, devido ao tempo para procurar os sujeitos da pesquisa, a dificuldade de se trabalhar apenas dentro de casa que resultou em uma pequena amostra para se analisar, e as imperfeições do próprio coletor de respostas, no caso o questionário online.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos ataques e retrocessos que a educação brasileira vem sofrendo, constatou-se a necessidade de se conhecer melhor como que a educação sexual é ensinada e percebida pelos professores. Todavia o processo de formação de docentes se inicia na graduação, portanto houve a vontade de elaborar uma pesquisa com estudantes que estivessem na reta final do curso de Ciências Biológicas, e que já tivessem feito os estágios ou sido bolsistas PIBID/RP com o objetivo de conhecer a percepção e o entendimento deles sobre o ensino de educação sexual e sexualidade.

Diante disso, o objetivo exposto, juntamente com os objetivos específicos de identificar o posicionamento dos estudantes, analisar o discurso dos mesmos sobre os temas e discutir a importância da ES na escola e na vida dos sujeitos da pesquisa, foram atingidos e conseguimos verificar os discursos dos futuros professores e com o suporte da literatura.

A pesquisa partiu da hipótese de que os estudantes não estavam sendo preparados o suficiente na graduação e não sabiam como abordar e debater sobre o tema dentro das salas de aula, e se estavam atentos aos desafios de incluir a educação sexual na educação básica. Frente às respostas, confirma-se pelos discursos dos participantes que não há suporte suficiente durante a graduação para estudar a fundo o tema de Educação Sexual. No entanto, houve uma mistura entre se sentir preparado e não se sentir preparado, e que isso pode se refletir dentro das escolas.

Sugere-se mais ações e debates sobre Educação Sexual nas disciplinas da Licenciatura em Ciências Biológicas da UFC, tais como nas instrumentalizações para ensino de Ciências (IPEC), ou a criação de uma disciplina própria sobre o tema, voltada para os estudantes do curso ou inclusão de disciplinas já existentes em outros cursos como optativas. Para pesquisas futuras relacionadas ao assunto, recomenda-se que sejam procuradas na literatura abordagens sobre sexualidade e ES na BNCC e em outros documentos relacionados às políticas educacionais, sobre formação de professores e sobre os desafios de se ensinar a educação sexual nos tempos atuais.

Percebe-se que se fazem necessárias ações mais diretas por parte da universidade, devido às lacunas deixadas no que diz respeito a estudar e aprofundar o assunto sobre educação sexual na graduação, com o intuito dos futuros professores estarem preparados para os desafios dentro das salas de aula, levando-se em conta a importância do tema.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Camila; MARTELLI, Andrea Cristina. **Escola e educação sexual: uma relação necessária**. UNIOESTE: IX ANPED Sul – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul; 2012.
- BARBOSA, Eduardo F. INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS EM PESQUISAS EDUCACIONAIS. **N.I**, dez. 2008. Disponível em: http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf. Acesso em: 01 out. 2020.
- BARBOSA, Luciana Uchôa; FOLMER, Vanderlei. Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da Educação Básica. **REVASF**, Petrolina, v. 9, n. 19, p.221-243, ago. 2019.
- BRANCALEONI, Ana Paula Leivar; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de; SILVA, Caio Samuel Franciscati da. Educação sexual e universidade: compreensões de graduandos sobre sexualidade e gênero. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, [S.L.], v. 4, n. 4, p. 25-42, 17 dez. 2018. Complexo de Ensino Superior Meridional S.A.. <http://dx.doi.org/10.18256/2447-3944.2018.v4i4.2563>.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Orientação Sexual**. In: Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1998.
- BRASIL. **Temas Contemporâneos e Transversais na BNCC**: contexto histórico e pressupostos pedagógicos. 2019.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev Bras Enferm**, Brasília (DF), v. 5, n. 57, p.611-614, set. 2004.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes; TURATO, Egberto Ribeiro. ANÁLISE DE CONTEÚDO EM PESQUISAS QUE UTILIZAM METODOLOGIA CLÍNICO QUALITATIVA: aplicação e perspectivas. **Rev Latino-Am Enfermagem**, Campinas/sp, v. 2, n. 17, p. 124-129, abr. 2009.
- FELIPE, Jane. **Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação**: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. Pro-posições. Porto Alegre, v.18, n.2, 2007.
- FIGUEIREDO, Márcia Cristina de Oliveira; BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de. Orientação sexual: vivências de professores da rede pública de ensino e como esse tema transversal tem sido abordado. **Revista da SBEnBio**, São Paulo, v. 7, p.5349-5360, out. 2014.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Revendo A História Da Educação Sexual No Brasil: ponto de partida para construção de um novo rumo. **Nuances**: estudos sobre Educação, [S.L.], v. 4, n. 4, p. 123-133, 1998. Nuances Estudos Sobre Educação.
- FIGUEIRÓ, M. N. D.. **A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.98, p.50-63, ago. 1996.

FIGUEIRÓ, M. N. D. EDUCAÇÃO SEXUAL: COMO ENSINAR NO ESPAÇO DA ESCOLA. **Revista Linhas**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 1-21, maio 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009. 208 p.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. 120 p.

GROFF, Apoliana Regina; MAHEIRIE, Kátia; MENDES, Patrícia de Oliveira e Silva Pereira. A educação sexual e a formação de professores/as um convite ao dissenso. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.L.], v. 10, n. 6, p. 1431-1444, 28 jan. 2016. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação. <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v10i6.8329>.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília: 2012. 42p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-posições. Campinas: v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

LUDOVICO, Rebeca de Oliveira; MAISTRO, Virgínia Iara de Andrade. SEXUALIDADE HUMANA: um desafio nos livros didáticos. In: X CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE INVESTIGACIÓN EN DIDÁCTICA DE LAS CIENCIAS, 10., 2017, Sevilla. **Congreso. Enseñanza de Las Ciencias**, 2017. p. 5579-5583.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **EDUCAÇÃO SEXUAL: PRINCÍPIOS PARA AÇÃO**. Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 75-84, 2011.

MELO, Sônia Maria Martins de, *et al.* **Educação e sexualidade**. 2. ed. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011. 124 p.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, [S.L.], v.44, n.1, p.205-212, mar.2010.FapUNIFESP(SciELO).<http://dx.doi.org/10.1590/s0080-62342010000100029>.

MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. **Pesquisa e Ensino**, [S.L.], v. 1, p. 1-24, 1 maio 2020. Pesquisa e Ensino. <http://dx.doi.org/10.37853/pqe.e202011>.

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **R. bras. Ci e Mov.** 2005; 13(4): 107-114.

MOURA, Francisco Nunes de Sousa; LEITE, Raquel Crosara Maia. O conservadorismo e a formação cidadã: a abordagem da sexualidade no ensino fundamental diante do discurso em documentos oficiais. **Educação, Ciência e Cultura**, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 61-77, 29 nov. 2019. Centro Universitário La Salle - UNILASALLE. <http://dx.doi.org/10.18316/recc.v24i3.5468>.

NEVES, J.L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 43, p.205-224, jan. 2012.

REIS, Hellen José Daiane Alves; DUARTE, Marcos Felipe Silva; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. OS TEMAS ‘CORPO HUMANO’, ‘GÊNERO’ E ‘SEXUALIDADE’ EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 223-238, 30 abr. 2019. Investigações em Ensino de Ciências (IENCI). <http://dx.doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2019v24n1p223>.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. O USO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO COMO UMA FERRAMENTA PARA A PESQUISA QUALITATIVA: descrição e aplicação do método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, Brasil, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87817147006>. Acesso: 15 ago. 2020

SILVA, Caio Samuel Franciscati; BRANCALEONI, Ana Paula Leivar; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues. Base Nacional Comum Curricular e diversidade sexual e de gênero: (des)caracterizações. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1538-1555, jul. 2019.

SOUZA JUNIOR, Paulo Roberto. A questão de gênero, sexualidade e orientação sexual na atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o movimento LGBTQIS. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, Salvador, v. 4, n. 1, p.1-21, jun. 2018

WHO. **Standards for Sexuality Education in Europe**: a framework for policy makers, educational and health authorities and specialists. 2010. Elaborada por WHO Regional Office for Europe and BZgA. Disponível em: https://www.bzga-whocc.de/fileadmin/user_upload/Standards_for_sexuality_education_Spanish.pdf. Acesso em: 25 ago. 2020.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**QUESTIONÁRIO****PARTE 1 - Questões sócio-acadêmicas****1 Nome:****2 Email:****3 Idade:****4 Gênero:** masculino feminino não-binário outro**5 Semestre atual:****6 Você já foi bolsista? se sim qual?** PIBID RP não fui bolsista outro**7 Você já concluiu os estágios obrigatórios?** sim não**PARTE 2 - Questão sobre o conceito de sexualidade****1 A partir do seu entendimento, defina sexualidade.****PARTE 3 - Questões sobre o ensino e a abordagem da educação sexual na universidade e na escola.****2 Você já teve oportunidades de estudar e debater o assunto em alguma disciplina durante a graduação? Se sim, em qual disciplina?****3 Você ensinou ou fez algum projeto sobre educação sexual durante o estágio na escola ou em outra atividade (bolsas PIBID, RP)? Se sim, comente um pouco sobre sua experiência.****4 Você se sentiu preparado(a) para debater o assunto na escola?** sim não

5 Você acredita que o ambiente escolar (público ou privado) é hostil ao ensino de educação sexual e todos os assuntos que esta traz?

() sim () não

6 Na atual Base Nacional Comum Curricular, a abordagem de assuntos como reprodução e saúde ficaram reservados para o 8º ano (MOURA; LEITE, 2019). Além disso, a educação/orientação sexual não é mais um tema transversal. Para você, a educação sexual deveria ser ensinada em todo o Ensino Fundamental II (6º ao 9º)?

() sim () não

7 Além de reprodução e saúde/higiene, quais outros tópicos de educação sexual que você pensaria em levar para as salas de aula?

8 A educação sexual está sendo atacada e diminuída por movimentos conservadores, da escala nacional até a municipal. Como você, enquanto futuro(a) professor(a), iria reagir e tentar contornar uma situação caso a escola (pública) ou os pais dos alunos não quisessem aulas sobre educação sexual nas salas de aula?

9 Você sente a necessidade do curso de Ciências Biológicas-UFC ter uma disciplina (obrigatória ou opcional) de educação sexual, na qual seriam estudados assuntos sobre educação, sexualidade e sua história, saúde e diversidade por exemplo?